

Maria Luiza Cardinale Baptista

Emoção e desejo em processos de escrita rumo a uma educação autopoietica

Resumo - O artigo aborda os processos de escrita como inscrição complexa do ser humano, apontando para a temática emoção e desejo na educação e na comunicação. São considerados processos de inscrição que perpassam diversas tecnologias comunicacionais, conservando o caráter de corporalidade existencial e de jogo de relações-trama a que isso se refere. O sujeito que escreve se imprime, constitui-se corpo, para se entregar. Essa entrega (ou não) acontece (ou não) em uma paisagem de mutações intensas e em um mercado de relações adultas, permeado por demandas caracterizadas pela idealização, incentivadas pelas próprias mídias. O trabalho aponta, então, para a necessidade de uma educomunicação que agencie processos autopoieticos e inscrições afetivo-emocionadas, desejantes, visando à potencialização da comunicação e das relações do ser humano.

Introdução

A educação correta consiste em compreender a criança tal como é, sem lhe impor nenhum ideal relativo ao que pensamos que ele 'deveria ser'. Enquadrá-la em um ideal é induzi-la a adaptar-se, o que gera temor e suscita na criança um conflito constante entre o que ela é e o que 'deveria ser'. E todos os conflitos interiores têm suas manifestações exteriores na sociedade. Os ideais constituem verdadeiro obstáculo à nossa compreensão da criança e à compreensão de si própria, pela criança.

(krishnamurti, 1989, p.24)

Este artigo tem como objetivo compartilhar algumas inquietações e percepções relacionadas aos processos de escrita, em particular de jovens adultos, com quem acabo de realizar uma pesquisa para a Universidade de São Paulo, em um curso de doutoramento. Interessa-me a temática, inicialmente, pela preocupação relativa à qualidade questionável dos textos de grande parte dos acadêmicos de Comunicação Social, com os quais eu convivo. Em segundo lugar, inquietam-me, mais que isso, as dificuldades próprias do processo de constituição da escrita e o quanto há de aspectos psicológicos relacionados a essas dificuldades. As características do processo de escrita do sujeito, não tenho dúvida, expressam seu jeito de ser e de viver. Trata-se de um processo de inscrição das suas marcas... profundas, formando uma trama-texto, que o expressa. Nesse sentido, percebo que há uma série de questões a serem levantadas do ponto de vista da educomunicação, no que tange ao ensino-aprendizagem dos processos de inscrição.

A dureza e a esterilidade do código-lei no ensino

Um dos aspectos centrais da problemática que discuto é o fato de que a escrita tem sido lidada, ensinada, principalmente, como o processo de imprimir-se segundo as regras de um código-lei, a Língua. A marca estrutural-positivista tão presente nas nossas escolas e professores faz com que haja a ênfase em uma visão da gramática - como conjunto de leis - seca, fria, exterior ao sujeito.

Maria Luiza Cardinale Baptista é jornalista, Doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Professora e Pesquisadora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, RS.

Nega-se, então, o fato de que a gramática, pela gramática, constitui-se em dispositivo duro, sem vida. Trata-se, também, de instrumento caprichoso, na medida em que foi produzido por seres humanos, em processos de constituição de leis de linguagem... ou em processos complexos de constituição da linguagem e suas convenções e especificações. Dessa compreensão já se depreende que ensinar a escrever ou a aprimorar a escrita não pode ser um ato burocrático de um processo 'despejante de regras'. Escrever está relacionado com apropriar-se de instrumentos para inscrever-se e, nesse sentido, materializar-se corpo escrito, para, depois, entregar-se ao outro. Escrever, então, é preparar-se para a entrega, para se mostrar impresso, em diversos suportes.

A inscrição como constituição de corporalidade do sujeito

A dimensão da corporalidade é bastante salientada por PEÑUELA CANIZAL, quando explica que, no início, os pictogramas não só tinham uma relação mais direta com as coisas representadas, mas também com o corpo. Com linguagem poética, ele ressalta

...os diversos componentes da palavra se encontram no corpo e em estado difuso, geralmente líquido: quando o homem fala, o verbo surge em forma de vapor, uma vez que a água da palavra foi esquentada ou fervida pelo coração. (PEÑUELA CANIZAL, 1987, p.29)

FERNANDEZ (1994) também aborda o assunto, apresentando a idéia de que a escrita é marca das trocas de fluidos do organismo, convertidos à medida em que são tomados pela rede de significantes. Em um texto precioso sobre a escrita e a feminilidade, a autora apresenta algumas idéias de VASSE, bastante significativas:

A palavra encontra-se ligada, de forma intrincável, ao corpo (...) preside a absorção do leite, a expulsão da urina e das fezes, o derrame da saliva e, mais tarde, a emissão de esperma ou de fluxo sanguíneo. Remete à satisfação

orgânica ao mesmo tempo que ao desejo do Outro. A marca que deixa na pele esses diferentes fluxos e a que deixa no aparelho psíquico sua codificação, escrevem, em um mesmo ato, no inconsciente, a história do sujeito (...) as marcas deste intercâmbio de matérias orgânicas que emanam do corpo do sujeito ou do corpo do outro, captadas na rede de significantes e organizadas pela palavra (...) convertem-se na escrita. (VASSE apud FERNANDEZ, 1994, p. 153)

Venho trabalhando já há algum tempo com a idéia de que uma das grandes questões da escrita é justamente o fato de que, no processo, nós nos preparamos para a entrega, para o Outro. Quer dizer, constituímos-nos materialidade, corpo, que se prepara para o olhar e para o desejo (ou não) do Outro. É possível perceber o quanto há de laço intenso entre o corpo que 'desenha as letras' e o que se inscreve, uma espécie de corpo maior, psíquico, inteiro - que envolve o primeiro e ao mesmo tempo o extrapola. Neste sentido, está também o pensamento de FERNANDEZ:

A escrita é palavra, mas é uma palavra que se oferece para ser olhada; palavra que mostra e nos mostra nossa autoria no ato de ser produzida. A atividade do pensamento implicada no ato de escrever pode permanecer invisível, e, inclusive, reduzir-se a um grau mínimo. No ato de escrever, a visibilidade de nosso acionar se faz evidente. Pergunto-me: não poderia explicar-se a inibição para escrever, apresentada por grande quantidade de mulheres adultas, a partir do próprio ato de escrever: mostrar ao outro e a si mesma o próprio pensamento?(...) Muitas das dificuldades na leitura e na escrita de nossos alunos não estarão embasadas em privilegiar a leitura e o registro da palavra do outro, em vez da escrita e do registro do próprio corpo e da própria palavra? (FERNANDEZ, 1994, p.p. 154-155)

A inscrição como enacção

Para estudar os processos de escrita, percebo que estou no imbr-



camento de algumas áreas, zonas de confluência entre o que tem se chamado de ciências cognitivas, englobando tecnociência, a inteligência artificial, além da psicopedagogia, a psicolinguística, a filosofia da linguagem, a semiótica. As ciências cognitivas estão sendo fundamentadas aqui em VARELA, tendo sido de grande ajuda o trabalho de HECKER FERREIRA¹, VARELA (1992, p.29) define desta forma as ciências cognitivas:

Se trata de um conjunto de disciplinas mais que de uma disciplina à parte. A inteligência artificial ocupa um pólo importante, e o modelo informático da mente é um aspecto dominante de todo o campo (...) as demais disciplinas são a lingüística, a neurociência, a psicologia, às vezes, a antropologia e a filosofia da mente.

A perspectiva das ciências cognitivas, principalmente no enfoque dado por VARELA, relaciona-se diretamente com o problema que discuto. Interessam-me os processos de escrita como expressão de um sujeito em relação, que se recria no encontro com o outro, sendo esse outro tudo que é "não-eu". Sujeito que pode encontrar o processo de ensino-aprendizagem como processo de vida ou de morte.

A questão 'processos de escrita' envolve um novo pressuposto da teoria da cognição. Na visão de VARELA, cognição implica em ação corporalizada - sendo corporal idade entendida aqui num duplo sentido, conforme MERLEAU-PONTY, assumido também por VARELA (1992, p. 18): "...envolve o corpo, como estrutura experiencial vivida, e o corpo, como o contexto ou âmbito dos mecanismos cognitivos". Esse enfoque do autor possibilita uma aproximação entre a discussão sobre a inteligência artificial, as tecnologias e o campo da linguagem.

Além da perspectiva geral das mutações subjetivas e comunicacionais, trato, neste estudo, dos processos de escrita dos jovens adultos, em tempos de alta sofisticação tecnológica. Sofisticação que interfere tanto na produção da comunicação quanto na produção dos próprios sujeitos.

VARELA afirma que não se pode separar as ciências cognitivas das tecnologias cognitivas. Segundo ele, as tecnologias nos oferecem um espelho sem precedentes que transcende vários círculos - da filosofia, psicologia, por exemplo - que tentam indagar ou explicar a experiência humana.

Eu fico pensando que tento entender, na verdade, o que se produz nos sujeitos na contemporaneidade e que se expressa tão bem nos seus processos de escrita e, em decorrência disso, questiono os desafios para uma educomunicação coerente com o papel de recriação dos próprios sujeitos envolvidos. A educomunicação constitui-se em dispositivo de produção de subjetividade (GUATTARI, DELEUZE e ROLNIK) marcando-se nos seres humanos, produzindo outros seres, eles mesmos, seus filhos, seus netos, suas relações e, claro, suas inscrições... Acredito no processo de escrita como inscrição desse processo cognitivo, de *autopoiese*, de autoprodução, de produção constante, como constante mutacional, do sujeito em relação.

É VARELA quem propõe a denominação enactivo, cuja fonte filosófica reside em HEIDEGGER e seu discípulo GADAMER. Lembra que o termo hermenêutica significa originalmente a disciplina de interpretar textos antigos, mas agora está ampliado, envolvendo todo o fenômeno da interpretação, "... *entendido como 'enactuar' ou fazer emergir 'o sentido a partir de um 'trasfondo' de compreensão*". (VARELA, 1992, p.176). De acordo com a perspectiva enactiva, a cognição
...*não é a representação de um mundo pré-dado por uma mente pré-dada, mas o colocar-se em obra, em produção, de um mundo e uma mente, a partir de uma história da variedade de ações que um ser realiza no mundo.* (VARELA, 1992, p.34)

O processo de escrita é uma das ações deste 'ser que se realiza no mundo', que se expressa, em produção. Trata-se claramente de um processo em que está em jogo a intensidade do

(1) Acompanhei o processo enactivo do texto O Mal-Estar da Escola, de Lígia Hecker Ferreira, num trabalho extensivo de supervisão de textos, fazendo a discussão de todo o processo de escrita e sua associação à teoria trabalhada pela autora.

sujeito em autoprodução, enacção. Sujeito corpo. Corpo que se mostra, que se coloca à mostra, não como coisa dada, mas como ser que, ao mesmo tempo em que se modifica, modifica o entorno, o “trasfondo” — conceito devido a HEIDEGGER (apud VARELA, 1992, p. 35). Em italiano, há uma expressão interessante para tentar pensar o ‘trasfondo’: ‘l’insieme’, que, numa tradução livre, significa tudo que está em volta. Trata-se do que LÉVY (1993) chama de ambiência, uma espécie de ambiente complexo, que extrapola em muito o ambiente espaço físico, compondo-se de algo como ‘fatores ambientais’, múltiplos, diversos. A respeito do ‘trasfondo’ contemporâneo, ECO (1996, p.32) apresenta a síntese:

Porque nestes séculos, chamados obscuros, assiste-se a uma quase repetição da catástrofe de Babel: ignorados pela cultura oficial, bárbaros hirsutos, camponeses, artesãos, 'européus' analfabetos começam a falar uma multiplicidade de novas línguas vulgares, das quais a cultura oficial aparentemente nada sabe ainda: estão a nascer as línguas que nós hoje falamos, e cujos primeiros documentos conhecidos serão fatalmente mais tardios (...) a cultura europeia reflecte a confusão linguarium.

O processo inscricional - O sujeito recria a si mesmo

Aqui convém deixar claro que, quando falo de emoção, refiro-me ao conceito trabalhado por Maturana² (1998), que não o opõe ao da razão, mas o coloca como algo que está na essência do ser humano e de suas ações. Ele apresenta o conceito de emoções da seguinte maneira: "... são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação." (Maturana, 1998, p.15). O autor questiona a desvalorização da emoção pela nossa cultura e explica que isso faz com que não consigamos perceber o entrelaçamento entre emoção e razão, "...que constitui nosso viver

humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional "Maturana ensina que todo o sistema racional é constituído a partir de operações com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção.

Os conceitos de Maturana reforçam em mim a compreensão de estreito vínculo entre a produção da pesquisa, da Ciência, e o viver e, mais que tudo, o emocionar-se. E essa emoção como algo que, associado à linguagem, distingue o ser humano em relação aos outros seres. Eu tenho dito muitas vezes aos meus alunos e pesquisadores: “ O conhecimento que vale é o que corre nas nossas veias”. Refiro-me ao conhecimento, que, como nosso sangue, conduz o oxigênio que nos põe vivos, que nos faz renascer a cada instante. E, claro, isso só é possível como resultado da interação com o Outro, como resultado da produção da linguagem.

O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional (...). O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente, vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. Mas o fundamento emocional do racional é uma limitação? Não! Ao contrário, é sua condição de possibilidade..." (Maturana, 1998, p.p. 18-19).

Muito antes da inscrição, em sua forma e conteúdo, em sua visibilidade, há algo que posso chamar de plano de consistência. Espécie de território intensidade, onde fluxos de afeto vibram o tempo todo, produzindo descargas de energia emocional, descargas múltiplas e heterogênicas. Desse território-intensidade, as múltiplas descargas

(2) Biólogo chileno, uma das principais referências da contemporaneidade. Autor da teoria que ele mesmo chama de Biologia do Conhecimento ou Biologia Amorosa. Abre a possibilidade de compreensão do entrelaçamento biológico e social ou cultural do humano.



produzem aglutinações, conjunções, e tendem a transformar-se em energia emocional expressa.

Até então, falo do campo da dimensão primária da escrita ou do que venho chamando de 'texto intenção'. Em termos de processo, falo do acionamento da escrita no 'id', escrita intensidade que vai se projetar no ego para, então, avançar e ultrapassar essa espécie de território intenso, onde as emoções-intenções vão buscando formas que as expressem.

...cada vez que um caminho de ativação é percorrido, algumas conexões são reforçadas, ao passo que outras caem aos poucos em desuso. A imensa rede associativa que constitui nosso universo mental encontra-se em metamorfose permanente. As reorganizações podem ser temporárias e superficiais quando, por exemplo, desviamos momentaneamente o núcleo de nossa atenção para a audição de um discurso, ou profundas e permanentes como nos casos em que dizemos que a 'vida' ou 'uma longa experiência' nos ensinaram alguma coisa. (LÉVY, 1993, p.24)

PEÑUELA CANIZAL (1987, p.3) usa uma bela metáfora para expressar esse texto que subjaz o evidente, inscrito e explícito:

...navegar sobre o mar dos signos é, a cada instante, intuir que, sob a ondulação das frases feitas, vagueiam, em correntezas mais fundas, cardumes de outras palavras cuja irradiação poderá, às vezes, enturvar a enganosa transparência das superfícies (...) as palavras quando se ausentam, projetam, nas telas da memória, imagens espectrais de sua própria ausência.

Quer dizer, há no processo de escrita o acionamento da dimensão inconsciente que " *...com a ajuda das incontroláveis energias do desejo (...) violentam a ordem do simbólico e, com isso, geram camadas de sentido que perturbam os significados habituais das palavras e das imagens.*" (PEÑUELA CANIZAL, 1987, p. 7).

A passagem para a expressão-inscrição implica no desencadeamento de processos que se relacionam ao

consciente. PEÑUELA CANIZAL (1987, p.6) explica-os, afirmando tratarem-se de procedimentos que desempenham um papel normativo e orientador. Sobre essa tentativa de passagem, ou, como chamei anteriormente, processo de aglutinação-conjunção, o autor explica:

...as palavras se agrupam em função e as que ficam ausentes desses arranjos denunciam sua existência através do desencadeamento de certos processos associativos. Assim, há palavras que evocam outras por meio de particularidades sonoras ou, então, em razão de propriedades classificatórias elaboradas pelo homem no cumprimento da interminável façanha de fazer ciência e cultura. (PEÑUELA CANIZAL, 1987, p. 6)

Recordo a ARISTÓTELES (apud ECO, 1991, p. 11) e sua afirmação sobre o ser "expresso de muitos modos". "Do Sílex ao Silício" (GIOVANNINI et alii, 1987), observo que a expressão do sujeito foi se 'grudando' em suportes cada vez mais leves ... mais etéreos e talvez isso também nos indique algo sobre a subjetividade contemporânea, a insustentável leveza do ser (referência ao título do livro de KUNDERA, 1999) e a virtualidade dos processos inscriçionais.

O que acontece é que, quando o sujeito se expressa, ele se inscreve de algum modo e, nesse processo, se constitui. Quer dizer, essa inscrição não é algo banal, casual; ao contrário, representa a inscrição complexa do próprio ser e, como resultado, a sua reinscrição, seu reconhecimento, uma espécie de 'reconstituição' que, além de o tornar público, devolve o sujeito a si mesmo. Essa 'devolução' é realizada através de processos especulares. Dizendo de outra maneira, o sujeito que escreve, se inscreve, e se inscrevendo se reconhece, e se reconhecendo aciona a consciência de si, se 're-constrói', e se 'reestrutura'.

Estou tratando, então, de um processo em que a escrita - como dispositivo de inscrição do sujeito, visando a colocá-lo nesse 'mercado', no sentido amplo - coloca-se como constituição de presença, de



materialidade, de corporalidade, de um corpo que se constitui e se entrega, existindo presente para que o Outro analise, questione, critique, comente os detalhes. E esta constituição de presença, de materialidade, de corporalidade, contraria a lógica da trama comunicacional, em que a substituição constante, desenfreada, é encarada como norma. Comunicação do efêmero. Um mundo que se dissolve em efeitos especiais. Aciona as sensações ao máximo. Parafraseando um comercial veiculado nas televisões brasileiras: 'Provoque suas sensações até não agüentar mais'... E o mundo das sensações provocado produz movimentos intensos, sem dúvida, com poder imenso de sedução, é certo, mas também movimentos muitas vezes avassaladores, como as águas que invadiram o Titanic.

Rumo a uma educomunicação autopoética através da escrita

Observo, então, diante do que venho produzindo teoricamente na vida, nos múltiplos encontros afetivos e intensos da relação ensino-aprendizagem, que é preciso determo-nos em alguns aspectos evidenciados na contemporaneidade, relacionados ao potencial da escrita, como dispositivo de inscrição do ser. Apresento-os, não como conclusão, ou como conjunto de grandes verdades, mas como algumas das pistas que encontrei pelos caminhos da pesquisa.

1. O processo de escrita deve ser compreendido como processo complexo de inscrição do ser, sujeito que escreve.

2. Trata-se de processo de materialização e corporificação e, nesse sentido, de um processo que representa a vida e a transforma como inscrição produzida pelo próprio sujeito.

3. Desse modo, trata-se de processo profundamente emocional, sendo emoção considerada como corporificação, que engendra as ações humanas.

4. A adequação às regras e normas do código não deve ficar em primeiro plano... Deve-se priorizar o fluxo de pensamento e a estruturação deste

fluxo.

5.0 O processo de escrita pode ser potencializado, a partir da sensibilização e agenciamento do desejo do sujeito, no sentido de sua possível recriação através da escrita.

6. É importante valorizar outros modos de inscrição - como sonoro, iconográfico, por exemplo - para demonstrar ao escritor em potencial que os processos são semelhantes e que o dispositivo e suportes é o que muda. Deve-se, inclusive, incentivar a combinação de dispositivos e propor suavidade com relação às inscrições

7. Fundamental desmontar a concepção de ideal de texto - tão fortemente aliada à do ideal do eu. O texto é materialização do eu no instante. Não é perfeito, porque perfeito não existe e porque, como o 'eu' do sujeito, é processo. As marcas inscricionais estão sendo constantemente refeitas...

8. Importante colocar o sujeito em contato com textos que explicitem essa dimensão 'poética do ser', para que o potencial da escrita seja vislumbrado.

9. 'Elogios ajudam muito'. Quer dizer, buscar agenciar a potência, a partir da crença no devir prazeroso da escrita. O sujeito escreve mais, se acredita 'no seu potencial'. Trata-se de algo essencial no processo de agenciamento do desejo. Ninguém deseja, se não acredita no devir prazeroso.

10. Considerar a relação do sujeito escritor com as tecnologias da comunicação, como uma variável, no sentido de possibilitar as mudanças de suportes de inscrição e, às vezes, desse modo, estimular a produção da escrita.

11. Explicitar sempre as próprias dificuldades no processo de escrita, distanciar-se da lógica encastelada do saber. O educador deve ser alguém que compreende o mundo através de uma visão processual e complexa, situando-se cada vez mais cúmplice de seus parceiros, mais humano, mais aprendiz...

*Viver, e não ter a vergonha de ser feliz
... Cantar e cantar e cantar a certeza
de ser um eterno aprendiz...
(Gonzaguinha)*

Bibliografia do Artigo

- ECO, Umberto. **A Procura da Língua Perfeita**. Lisboa, Editorial Presença, 1996.
- _____. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo, Ática, 1991.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A Mulher Escondida na Professora. Uma Leitura Psicopedagógica do Ser Mulher, da Corporalidade e da Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994
- GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na Comunicação. Do Sílex ao Silício**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- GUATTARI, Félix.. **As Três Ecologias**. 3ª edição, Campinas, Papirus, 1981.
- _____. **Revolução Molecular. Pulsações Políticas do Desejo**. 3ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. **O Inconsciente Maquínico**. Campinas, Papirus, 1988.
- _____. *Linguagem, Consciência e Sociedade*. In LANCETO, Antonio. **SaúdeLoucura**, número 2, 3ª edição, São Paulo, Hucitec, 1990.
- _____. **Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- _____. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol 1, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- _____. e DELEUZE, Gilles. **O que é a Filosofia?**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- _____. e ROLNIK, Suely. **Cartografias do Desejo**. 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 1986.
- HECKER FERREIRA, Lúcia. **O Mal-Estar na Escola. Uma Pragmática Ético-Estética**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUCSP, São Paulo, 1998.
- KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro, ed. 34, 1993.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- PEÑUELA CANIZAL, Eduardo. **Surrealismo: Rupturas Expressivas**. 2ª edição, São Paulo, Atual, 1987.
- VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **De Cuerpo Presente. Las Ciências Cognitivas y la Experiencia Humana**. Barcelona, Espanha, Gedisa, 1992.

Bibliografia do Autor

- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **A Busca do Sujeito-Sujeito**. São Paulo, ECA/USP, 1991. xerox.
-
- _____. **A Comunicação das Baratas Tontas**. Logos, Ano 5, n. 2, 1993.
-
- _____. **A Interação Subjetiva com o Receptor**. Logos. Ano 7, n.1, 1995/1.
-
- _____. **A Recepção, o Visual e o Sujeito**. Caesura, Canoas, n.8, jan/jun 1996, p.p. 3-9.
-
- _____. *Decifra-me ou te Devoro*. In LIMA, Edvaldo Pereira (org.). **Econautas. Ecologia e Jornalismo Literário Avançado**. Canoas, ULBRA/Fundação Peirópolis, 1996.
-
- _____. **Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos**. Canoas, ULBRA, 1996.
-
- _____. **O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional** – Tese de doutorado, ECA-USP, 2000.